

ENSINO E IMAGINÁRIO GEOGRÁFICO: UMA PROPOSIÇÃO METODOLÓGICA A PARTIR DA PERCEPÇÃO DA PAISAGEM URBANA

CAIO CEZAR CARDOZO PIMENTA

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

caior89@gmail.com

RESUMO

A geografia lê o mundo através da paisagem. A medida que as suas ferramentas de leitura foram evoluindo no mundo pós-moderno, potencializou-se a percepção de um olhar mais atento ao espaço urbano e a cidade, sobretudo a dinâmica da paisagem urbana e suas relações sociais. Nesta relação, a geografia escolar vem exercendo um importante papel de comprometimento social com a produção da condição humana, associando a realidade do aluno com o conteúdo, tal como, rejuvenescendo a importância da atividade docente como facilitadora de construção e questionamento do conhecimento. Este artigo pretende discutir os conceitos referentes a representação visual das paisagens urbanas, principalmente dos processos cognitivos referentes ao desenvolvimento do imaginário geográfico do espaço local e global, sob uma perspectiva que relaciona as mídias e as novas tecnologias com os processos metodológicos de ensino. Para isso, propõe-se uma nova metodologia para o ensino da temática da urbanização e a dinâmica do espaço urbano, a partir da análise visual de paisagens reais de várias regionalidades, discutindo as vivências, percepções e experiências dos alunos, para assim, promover um ensino democrático e uma maior reflexão quanto à realidade do outro.

Palavras-chave: Ensino da geografia. Paisagem urbana. Imaginário geográfico.

1 INTRODUÇÃO

Ao longo do tempo o ensino da Geografia vem sofrendo muitas modificações em seus métodos de aprendizagem e nas suas formas de transposição do conhecimento.. Graças a essas mudanças, novas discussões surgem quanto aos processos perceptivos e cognitivos do ato de ensino-aprendizagem e das metodologias que o acompanham, aliados a isso está a disponibilidade de novos conteúdos aplicados em sala de aula que criam a possibilidade de aberturas para o docente buscar novas maneiras de avaliar e mediar os conhecimentos além das tradicionais ferramentas de ensino. A elaboração desta proposição metodológica foi idealizada a partir da problematização dos métodos de aprendizagem utilizados para abordar a temática da urbanização, tal como de qual forma tratar a questão relacionada a sua escala de abrangência (local, regional ou internacional) e seus temas relevantes como a organização social, urbanização, cultural, ocupacional e todos os outros produtos resultantes da transformação do espaço pelo homem. Se mantém como o recurso presente em sala de aula, a comunicação dos conteúdos e as experiências dos alunos dentro da cidade, sendo esse a principal fonte de atualização e de reflexão. Logo, essa proposta visa potencializar e incitar todo o pré-conhecimento dos vários lugares e paisagens que o educando já possui, a partir de formas de assimilação tanto formais; como o próprio espaço da escola no ensino de outros conteúdos (geografia física, cultural, instrumental, etc), como de assimilações informais através de filmes, programas de TV, músicas, jogos, grafite, etc, aproveitando-se assim um “imaginário geográfico”, rico em pré-conceitos das representações visuais da paisagem. Diante disso, o conceito de paisagem geográfica vem sendo muito trabalhado nas últimas décadas, principalmente

relacionadas ao espaço de vivência e os aspectos cognitivos associados as suas representações.

A paisagem, portanto, constitui tema central para compreender os diferentes aspectos da organização espacial do ser humano, pois representam uma construção histórica da transformação do espaço e de culturas e valores que são criados a partir dessas representações. O professor e suas metodologias de ensino diferem um protagonismo essencial no papel central da construção do conceito de paisagem e sua integração no emprego da atualidade, pois o estudo da paisagem não deve se limitar à mera constatação e descrição dos fenômenos que a constituem. É de enorme importância pedagógica poder explicar e compreender todos os processos de interação entre a sociedade e a natureza, situando as em diferentes escalas parciais e temporais, comparando as e dando-lhes significados.

2 REVISÃO DE LITERATURA

Geografia Regional e o imaginário geográfico.

Para entender e conhecer a particularidade de um espaço é preciso que se considere a escala social de análise e as várias influências internas e externas que estão presentes nela, pois as mesmas definem a sua dinâmica espacial e servem como um importante pilar nas interferências em níveis locais, regionais, nacionais e mundial. Para que a Geografia consiga integrar as análises de seus conteúdos, é preciso que ela crie uma abertura voltada inicialmente para a realidade das proximidades regionais, a fim de relacionar os conteúdos próximos do livro didático, as novas ferramentas de ensino tecnológicas e o conhecimento adquirido das experiências locais dos alunos.

Lencioni (2003) afirma que na concepção da Geografia Humanista, a região é interpretada como o espaço vivido, levando em conta os valores psicológicos das pessoas com a região, ocorrendo em uma escala intermediária de acordo com a rede de relações de determinados grupos sociais com os seus lugares mais frequentados. De acordo com Santos (2009), a importância do estudo regional se dá na análise das diferentes formas que um mesmo modo de produção se reproduz em várias regiões do mundo, o mesmo autor analisa que a cada salto do meio técnico-científico, a Geografia se renova. E é esse meio técnico que permite uma integração cada vez mais sólida entre os diferentes espaços e que possibilita um deslocamento global em questão de algumas horas, e que faz com que possamos nos comunicar com diversas partes do globo via Internet. Cria também a possibilidade de circulação e a compreensão das várias formas de identidade cultural no mundo, auxiliando também na interpretação de fenômenos físicos e humanos. O avanço sistemático da ciência e da tecnologia transforma a sociedade e suas relações, bem como as formas de pensar e agir dos indivíduos e dos seus lugares.

Nesse âmbito, a escola desempenhará um importante papel na implantação dessa nova realidade tecnológica apresentada ao ensino em geral, e em especial ao de Geografia, visto que esta possibilita um dinamismo com o espaço/paisagem/lugar, pois ela está interligada com a comunidade e as vivências locais. Protagonizando assim, um papel importante na construção de uma identidade cultural por parte do aluno e na consciência da realidade local que está inserido, fazendo a ponte entre o protagonismo no seu local de vivência e comparando-o com protagonismos de outras regiões. Para Callai (2000), a

aproximação dos conteúdos de caráter geográfico na realidade do aluno torna-se imprescindível para o entendimento do outro, para isso se faz necessário o estudo da escala geográfica. Ensinar geografia sem propor uma integração dos conteúdos regionais/locais com conteúdos de outras regiões de diferentes análises e conjunturas sócio-espaciais, compromete a compreensão e construção do espaço por parte dos alunos, de conceitos, comparações e habilidades geográficas. Os alunos constroem o seu conhecimento a partir do que vivenciam na sociedade em que estão inseridos, logo utilizar a escala como ferramenta no ensino da Geografia - aonde deparamos com tantas temáticas que abordam escalas geográficas diferentes, como: clima, vegetação, urbanização, resíduos, etc – praticando perspectivas do global para o local, ou seja, entender um fenômeno em uma perspectiva macro para micro, acompanhando a vivência do estudante, faz com que os conteúdos adquiram mais significado e importância no processo de absorção do conhecimento, assim como também na compreensão da dinâmica dos outros lugares, da qual os alunos tem contato por meio das tecnologias.

Entender a escala geográfica permite a alternativa de estudar um conhecimento mais próximo do real, facilitando a compreensão da diversidade do mundo e da maneira que ocorrem seus fenômenos. Captar esses vários “reais” traz à tona a importância de debater e aprender o lugar, pois ao passo que o mundo é global, as experiências, representações e relações sociais de cada pessoa acontecem em lugares diferentes, complementa o PCN (1997, p.19) “O lugar deixou de ser simplesmente o espaço em que ocorrem interações entre o homem e a natureza para incorporar as representações simbólicas que constroem juntamente com a materialidade dos lugares, e com as quais também interagem.” Corrêa (1995) concluirá que o conceito de lugar é construído através de referências de subjetividade, de sentimentos, de simbolismos, elaborados a partir da história das pessoas que nele vivem, da forma como se apropriam da natureza no processo de trabalho e como o usufruem, pois é através do lugar que se inicia a compreensão do conceito de espaço geográfico, através dessas várias “memórias de lugares”. A particularidade dos lugares se interligam de forma seletiva de acordo com os interesses locais, nacionais e/ou mundiais. O espaço concretiza as relações, tornando-se fundamental estudar o local” (CASTROGIOVANNI, 2003, p. 131).

Cria-se então um imaginário geográfico, na qual nele se armazenam todos as memórias das representações visuais de várias experiências do homem em diferentes espaços, a partir da percepção da paisagem. Para Castro (2000), a mediação simbólica da representação da natureza sempre esteve presente no imaginário social da humanidade, a partir do imaginário geográfico que engloba as diversas visões de mundo e suas mais variadas formas de representação da paisagem. Grandes partes dos alunos hoje em dia estão “conectados” a várias mídias, de tal forma que elas se colocam como um importante agente nos processos de armazenamento dessas memórias nos seus processos simbolização e identidade cultural, sejam por meio de filmes, músicas, livros, quadrinhos, jogos digitais, programas de tv, documentários, etc. Essa forma de compreensão do espaço geográfico permite que se avance na construção do conhecimento do mundo, de modo progressivo, numa escala do mais próximo e concreto (o lugar) ao mais distante e mais difuso (o global), respeitando as peculiaridades cognitivas do aluno e o seu tempo mental de compreensão de espaço.

Como entender paisagem e geografia?

Podemos dizer que o processo cognitivo desenvolve-se a partir da construção de vários sentidos que perduram constantemente a nossa mente e que acabam por desencadear no desenvolvimento de nossa percepção e comunicação. Segundo Del Rio e Oliveira (1996), a percepção é um processo mental que acontece entre a relação do homem e o meio, a partir de mecanismos perceptivos (sentidos) e cognitivos (raciocínio). Kozel complementa este pensamento ao dizer que a percepção se dá a partir do interesse e da necessidade, da separação entre a realidade e o mundo, da seleção de memórias e da atribuição de significados (KOZEL, 2001, p.146). Para Piaget (1976), as primeiras percepções espaciais estabelecidas pela criança são as topológicas e seu conhecimento espacial é construído a partir do contato com o meio ambiente ao longo das suas experiências de vida, criando imagens mentais que vão se formando a partir das suas percepções espaciais. Essas imagens mentais representam símbolos de várias realidades e paisagens, passadas e presentes, que são influenciadas diretamente ou indiretamente pela percepção, à medida que se desenvolve o processo cognitivo.

A Geografia lê o mundo através da paisagem e da dinâmica do espaço. Para Cavalcanti (2006), a definição geográfica de paisagem está atrelada a visão que o ser humano tem do seu arredor, sua morfologia, fisionomia ou representação formal do espaço, instigando a formação de identidades e fundamentações para entender a coexistência na sociedade, correlacionando a linguagem científica com a emocional e o conhecimento geográfico com a identidade cultural. A partir dessa visão globalizada o conteúdo do espaço vivido é integralizado no processo de percepção da paisagem, levando em conta as experiências humanas afetivas com o seu entorno como processo de identificação do espaço, agregando sentimentos e valores humanos as suas características, ou seja, onde as pessoas crescem, andam, se orientam, sentem, tocam, (OLIVEIRA, 1989) etc, gerando referências que criamos a partir das suas particularidades. Essas referências sejam elas físicas culturais ou psicológicas, terão um papel importante no processo de orientação do sujeito e a sua familiaridade com a paisagem, criando pontos de referência, geográficos a partir de paisagens naturais (montanhas, rios, praias, florestas) ou de paisagens antropizadas (cidades, ruas, monumentos, prédios, praças). As referências também são pontos chave no processo de assimilação do ensino da paisagem na geografia, na sua relevância com as realidades produzidas na dinâmica contemporânea da relação aluno e lugar. Como bem cita o PCN (PCN, 1997 P. 136) “a compreensão geográfica das paisagens significa a construção de imagens vivas dos lugares que passam a fazer parte do universo de conhecimento dos alunos, tornando-se parte de sua cultura”.

Nesta relação, o lugar representará a profunda interação entre a experiência do homem com a paisagem, na complexidade dos elementos da paisagem urbana ou rural e suas exclusividades e diferenças “[...]criando um esboço global da mesma forma que um pintor ao criar uma tela”(OLIVEIRA,1989 p. 323). É onde o indivíduo expressa suas identidades, intenções, necessidades, responsabilidades, preferências e interações, no qual estão atreladas as experiência das pessoas com o mundo-vivido (RELPH, 1979), é o resultado da vizinhança e suas relações sociais, da coabitação, o espaço de existência e da coexistência, da horizontalidade (SANTOS, 2000, p. 53). Tuan (1980) irá definir as relações humanas de afetividade com um lugar ou ambiente físico como “topofilia”, sendo um local percebido e repleto de valores e significados.

A percepção da paisagem urbana a partir da sua textura visual permite analisar as transformações urbanas, arquitetônicas e suas representações sociais e culturais intrínsecas a elas que ocorrem no espaço ao longo do tempo, percebendo os vários processos históricos que afetaram a paisagem original e a própria paisagem urbana da cidade moderna. Podemos definir a paisagem urbana como o conjunto de vários elementos criados ou transformados pela ação do homem, a este conjunto de elementos representamos a cidade e os vários cenários urbanos que ela constitui. Para Moreira (1988) a paisagem urbana é um aglomerado de mosaicos com várias interpretações, que se configuram em diferentes escalas temporais a partir de várias funções. Outro grande crítico a modernidade e aos ambientes construídos foi o urbanista Kevin Lynch, que em suas pesquisas analisava a maneira como percebemos a cidade e as suas partes constituintes, como nos localizamos nela e formamos a sua representação visual através de imagens carregadas de significados e símbolos que nos auxiliam a apropriar e familiarizar um determinado ambiente, formando um elo com o mesmo. (LYNCH, 1999).

Carlos (1992) observa que a análise da paisagem urbana constitui dois elementos fundamentais: o ambiente construído (construções) e o movimento da vida (orgânico). Portanto, não somente a representação visual é formada a partir das construções e da paisagem imóvel, mas também pela movimentação das pessoas dentro do espaço urbano, suas rotinas e características culturais que também apresentam particularidades e semelhanças do lugar. A paisagem urbana é em suma uma paisagem homogênea, visto que é construída em uma dinâmica sócio-espacial de similaridade (SANTOS, 1999), de acordo com uma época específica. É por essas razões que podemos encontrar muitas paisagens urbanas similares em cidades do mundo inteiro, frutos de processos de urbanização diferenciados e com características arquitetônicas específicas de um dado momento, tal como também participante dessas características, expressões artísticas e sociais, políticas e de resistência, como pinturas, grafites e o piche. As estruturas remanescentes são conservadas e, portanto, são características particulares do local (por exemplo, prédios de arquitetura colonial).

Essas estruturas remanescentes muitas vezes serão responsáveis pela construção da representação visual de um lugar, adicionando às características originais, arquitetônicas e culturais de uma região a imagem espacial deste lugar, que a tornam exclusiva dentro deste campo de “memórias”. Enquanto que as estruturas adicionadas representam a transformação da paisagem, também na representação visual de um lugar, porém, com características arquitetônicas e culturais similares (por exemplo, prédios espelhados) a partir dos modelos de padronização da modernidade que acabam impondo-se como referências de orientação nos percursos urbanos e, muitas vezes, alteram as relações morfológicas existentes. Vale lembrar que as estruturas remanescentes também já foram em um dado momento, regionalmente modernas, portanto este é um processo em contínua transformação.

Há de se pensar que no processo de ensino da percepção da paisagem urbana, os alunos estarão carregados de memórias visuais de lugares específicos e genéricos, sejam elas da sua cidade ou de cidades do outro lado do continente. Tuan (1980,1983) afirma que os lugares podem ser símbolos públicos (conhecidos visualmente) ou campos de preocupação, criados através da consciência humana e da sua relação intersubjetiva com

as coisas e os outros, (ao assistir um filme com paisagens de uma outra região, por exemplo). Servindo como uma ferramenta de orientação, “o Lugar é uma pausa no movimento [...], a pausa permite que uma localidade se torne um centro de valor reconhecido” (TUAN, 1983, p. 153).

Novas ferramentas para a prática geográfica

Graças ao aperfeiçoamento das tecnologias de comunicação, temos um maior acesso a informação gerando grandes mudanças na sociedade, sobretudo em novas metodologias de ensino, que possibilitam novas formas de processos de assimilação de conhecimento e potencializam ainda mais a capacidade comunicacional e cognitiva inerente ao indivíduo do espaço em que vive, conforme afirma Penteado (1998). Por este motivo a utilização de novas ferramentas de ensino, no caso as mídias audiovisuais e geotecnologias surgem como uma ferramenta de suporte didático para professores que ministram aulas de geografia tanto no ensino fundamental quanto no ensino médio na rede pública e privada. Uma alternativa para a busca ou para o reforço de conteúdos que facilitam a compreensão do conhecimento pelos alunos, sobretudo na interpretação imaginária da paisagem e sua representação visual ao longo do tempo por assimilação da imagem mental, aonde, de acordo com Piaget (1961, p.): “imagem mental é a evocação simbólica de uma realidade ausente.” A utilização das geotecnologias e sua capacidade de análise temporal, ao possibilitar trabalhar com o presente e o passado, trazem um imenso benefício na contextualização do espaço a partir da paisagem.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais de Geografia -PCN - (BRASIL,1997), ressaltam a relevância da utilização de elementos visuais para o processo de aprendizagem. Os produtos derivados das geotecnologias e mídias áudio-visuais oferecem um vasto conteúdo na geração de novas informações, bem como facilita a compreensão do cidadão no atual contexto da sociedade globalizada e tecnológica, principalmente quanto aos conceitos geográficos de lugar, localização, interação homem/meio, escala e movimento, bem como, uma importante análise histórica dos processos de transformação do espaço. Isso acaba por rejuvenescer o papel do professor dentro da sociedade de informação do qual vivemos, exigindo que cada vez mais ele esteja à frente do seu tempo e seja dinâmico nas suas metodologias de ensino, tanto em conteúdos formais quanto aqueles adaptáveis a realidade dos seus alunos. Nesse sentido, Pontuschka (2009) complementa esse pensamento ao afirmar que o professor necessita manter um diálogo permanente com o passado, o presente e o futuro, afim de um melhor conhecimento da sua própria ciência e saber como constituir e potencializar projetos disciplinares e interdisciplinares na escola.

É importante que o professor promova a investigação do conhecimento e seu viés pedagógico, dominando as estruturas teóricas que fundamentam uma prática pedagógica que seja íntegra e integralizadora. Cavalcanti irá fortalecer esse pensamento, ao afirmar que “[...] é o uso de um método de ensino adequado que pode viabilizar os resultados almejados. Se se quer ensinar os alunos a pensarem dialeticamente, importa definir ao mesmo tempo que conteúdos permitem a eles o exercício desse pensamento e o modo sob o qual esse exercício é viável (CAVALCANTI, 2006, p. 25)”

Portanto, é função social e política do professor de Geografia que, refletindo criticamente sobre a sua prática, torna o seu processo de aprendizagem mais democrático

ao ensinar e aprender continuamente (FREIRE, 1999, p.43), mediando o conhecimento a fim de desenvolver a capacidade participativa do aluno, de entender, analisar e agir, criando condições de intervir e mudar o contexto em que vive. As atividades devem possuir a capacidade de transformar o conhecimento teórico na prática atual, compreender os conflitos, os confrontos, os pontos de resistência, as possibilidades de avanço, as contradições. Percebendo a participação do processo de ensino-aprendizagem na identificação da reprodução ou na produção das relações sociais, o aluno surge como pesquisador e o professor, por sua vez, firma-se como coordenador da aprendizagem na pesquisa. Nesse sentido as práticas alternativas e suas novas metodologias, surgem como aliadas nas diferentes formas dos processos de assimilação do conhecimento, focada principalmente nas experiências dos alunos e suas potencialidades, estimulando através do espaço vivido, a reflexão e a construção do conhecimento de forma horizontal.

3 PROPOSIÇÃO METODOLÓGICA

Para melhor construção do conhecimento dos fenômenos geográficos, a metodologia deste trabalho foi realizada em sala de aula e em laboratórios, com duração prevista de 4 aulas (teórica, práticas e debates), utilizando softwares como Google Earth ou Street View e outras mídias áudio visuais como documentários, músicas e filmes para a melhor visualização de fenômenos da transformação do espaço, principalmente o visual.

Plano de aula de Geografia

Série/ano/turma: 3º ano do Ensino Médio.

Tema: Urbanização e Paisagens urbanas.

Duração: 4 aulas.

Objetivos específicos:

Questionário

Primeira aula – Urbanização

Segunda aula – Paisagem urbana

Terceira aula – Atividade paisagem urbana

Quarta aula – Análise orbital e debate

Percepção social e cultural dos conteúdos.

4 RELATÓRIO DE VIVÊNCIA

A proposta deste plano de aula foi realizada a partir da problematização de que o tema urbanização e paisagem urbana sempre foram tratados de modo superficial e mecânico em sala de aula e pelos livros didáticos, ignorando outras ferramentas e

conteúdos que complementam os processos cognitivos de construção da paisagem imaginária dos alunos e a sua relação com o processo de urbanização, seja ele local ou em outras regiões. Esse trabalho visou trabalhar junto à realidade dos alunos, considerando seus conhecimentos prévios do espaço e trazendo exemplos próximos do cotidiano dos alunos e de outras realidades que o circundam, para uma maior percepção crítica quanto os processos de transformação e organização do espaço, tal como as várias paisagens que o compõem.

O desenvolvimento desta atividade ocorreu no Colégio Estadual Santa Gemma de Ensino Fundamental II e Médio, localizado no bairro Barreirinha, no município de Curitiba, com 2 turmas do 3 ano do Ensino Médio totalizando 55 alunos participantes, sob a supervisão da professora titular. Na primeira aula inicialmente realizou-se uma sondagem a respeito do que os alunos já sabiam sobre urbanização e conceitos básicos de paisagem. Através de recurso do DataShow, apresentou-se em slides os conceitos de cidade, urbanização e espaço urbano, com o auxílio do livro didático para contextualização teórica, bem como imagens que evidenciam as transformações ocorridas historicamente na paisagem urbana. Explorou-se cada imagem considerando a problematização dos fatores decorridos do processo da urbanização, relações de ocupação e apropriação do espaço, urbanismo, acesso a infraestruturas básicas, zonas industriais, planejamento urbano e transporte, rede urbana, megalópoles e conurbação, tal como os diferentes atores da cidade. Procurou-se ao máximo relacionar todos esses conceitos com exemplos da cidade de Curitiba ou que os alunos já tinham algum conhecimento, como Brasília e Rio de Janeiro.

Na segunda aula inicialmente realizou-se uma atividade de paisagem sonora a partir da contextualização do que é a paisagem, instigando os alunos quanto à quais sons os ambientes urbanos e rurais produzem. Inicialmente relatou-se um pouco de recuo dos alunos, mas após perceberem a proposta da atividade todos participaram e contribuíram com diferentes experiências e argumentos a respeito dos sons desses ambientes. Após essa atividade com o auxílio de slides, apresentou-se aos alunos um mapa da cidade de Curitiba, seus bairros e de sua região metropolitana, indagando aos alunos perguntas relacionadas a região que eles estavam, no caso a escola, aonde moravam e lugares importantes da cidade, como rodoviárias, estádios, aeroportos, hospitais, entre outros. Em seguida apresentou-se mapas de arruamentos antigos da cidade e de imagens de satélite recentes retiradas do software Google Earth, demonstrando o processo de crescimento da malha urbana com o auxílio de fotos antigas da cidade, elucidando o conceito de paisagem e de paisagem urbana ao conteúdo visto na primeira aula. Procurou-se passar aos alunos a partir das fotos e imagens a importância da análise das paisagens, interpretando as arquiteturas desses edifícios e os processos históricos e políticos que sofreram a partir das transformações dos espaços, das expressões artísticas nelas presentes, das mudanças do transporte e mobilidade, como as canaletas de ônibus de Curitiba e seu sistema viário, zonas comerciais, industriais, da dinâmica de movimentação (movimentos pendulares) dos habitantes que nela vivem e praticam atividades diferenciadas, também ressaltando conceitos políticos e de movimentação e expressão social. Durante esse processo um aspecto bastante positivo foi a participação dos alunos e a vontade de conhecer maiores informações da cidade, visto que foi procurado relacionar os conceitos de urbanização e de paisagens locais já conhecidas pelos mesmos. Antes do término da aula, foi passado aos alunos dois vídeos de curta duração mostrando respectivamente duas cidades (Cairo

e Oslo) de dois países (Egito e Noruega), através de uma filmagem pelas rotinas das suas ruas, o professor realizou uma análise sobre as duas formas de urbanização através da leitura da paisagem urbana das duas cidades. Após comparar as principais diferenças e semelhanças, dividiu-se a turma em 5 equipes, aonde cada uma delas ficou com dois países distintos escolhidos pelo professor.

A terceira aula foi ministrada na sala de informática. Primeiramente foi entregue um questionário com questões relacionadas a paisagem e a organização do espaço das cidades de pesquisa. Foi organizado que cada grupo utilizaria dois computadores tendo como ferramenta de ensino às geotecnologias, os softwares Google Street View e Google Earth, trabalhando as cidades dos dois países estudados por cada grupo a partir de uma região específica escolhidas previamente pelo professor. Essas regiões devem ser feitas previamente pelo professor a fim de estudar regiões aonde os vários processos de urbanização são evidenciados, assim como diferenças da paisagem urbana e de características arquitetônicas e sociais. É importante que o professor comunique aos alunos de forma incisiva que os mesmos estarão pesquisando apenas algumas das partes desta cidade e não a sua totalidade, visto que a mesma possui diversas configurações similares ou diferenciadas em outras regiões. A região previamente escolhida deve ser obrigatoriamente estudada, porém, o professor pode deixar em aberto aos alunos a possibilidade dessas outras regiões também serem pesquisadas para uma maior construção da argumentação e interpretação da dinâmica da cidade. A partir da possibilidade da locomoção dentre as ruas desses espaços, os alunos foram capazes de interpretar a paisagem urbana e a dinâmica de urbanização com o material estudado na primeira aula comparando as duas cidades, atentando-se para as diferenças arquitetônicas, organizações de transporte e locomoção, organização espacial (quarteirões), questões sociais, tipos de comércios, presença de elementos naturais e hídricos (rios, lagos, praias), áreas verdes, atividades humanas e características culturais. O resultado desta aula foi bastante positivo, visto que a possibilidade da locomoção em cidades de outros países e todo a relação urbana nova tornou-se bastante atrativa para os alunos.

Durante este processo de atividade, foi possível notar várias contextualizações pelos alunos a partir da realidade “em chão” de vivência do outro, visto que é esperado que nós como receptores de conhecimentos desenvolvêssemos um imaginário geográfico com pré-conceitos a respeito de outros países, seus tipos de paisagem e pessoas, suas organizações espaciais e sociais, criados a partir das ferramentas de comunicação que acabam gerando representações visuais através de notícias, filmes, programas de tv, músicas, jogos, entre outros. Por isso, após o término da aula foi deixado a possibilidade de que os alunos pesquisassem em casa mais informações através de outras mídias como documentários, imagens, músicas ou vídeos para agregar o seu arcabouço argumentativo, o que posteriormente na aula 4, trouxe ricas argumentações a cerca de questionamentos da indústria cultural desses países estudados.

A quarta e última aula foi realizada em sala de aula. Após o processo da segunda aula, o professor entregou aos alunos uma imagem de satélite de cada cidade para que eles interpretassem as características únicas de cada região vistas de cima, comparando e evidenciando as suas contradições locais a partir de uma análise orbital os fenômenos como organização espacial, dinâmica social, cultural, visual, modelos de arquitetura e de transporte, contextualizando essas contradições entre os dois países. Neste momento o

professor retrabalhou os conceitos de urbanização, paisagem urbana, planejamento e transporte, evidenciando as diferentes formas de planejamento urbano. Outras questões que permeiam as relações geográficas foram brevemente elucidadas pelo professor, como por exemplo: questões a cerca das desigualdades e semelhanças entre países, desenvolvidos e subdesenvolvidos, problemas ambientais e consumo, diferenças culturais e arquitetônicas, paisagem urbana/natural e clima, etc. Aos grupos foi pedido que desenhassem ou circulassem nas imagens de satélites as suas principais observações, criando tópicos atrás das folhas sobre essas indagações. Por fim, organizamos os alunos em um círculo, utilizando as perguntas dos questionários como provocações, um debate foi realizado a partir da interpretação de cada grupo sobre os fenômenos pesquisados em suas respectivas regiões de estudo, contando qual foi a sua percepção sobre cada cidade, as diferenças e similaridades entre elas assim como a comparação com a cidade aonde vivem. O professor mediou o debate, do qual demonstrou uma discussão extremamente rica em argumentos quanto aos processos de urbanização trabalhados em sala de aula e as críticas comparativas tanto entre os países, quanto principalmente na sua cidade local de Curitiba. Várias problematizações foram evidenciadas nas suas discussões como questões de transporte, infraestrutura, arquitetura, colonialismo, desigualdade social, favelizações, qualidade de vida, saúde e bem estar, clima, meio ambiente, paisagismo e entre outros. Após isso, recolheu-se as folhas de imagens de satélite junto com as observações dos alunos e foi proposto para que cada aluno cria-se uma pequena produção de texto relacionando a urbanização e a paisagem urbana desses países com a sua local para entregar para a próxima aula, finalizando assim a atividade. Neste ponto, foi possível perceber um alto nível de engajamento a partir das ricas produções de texto dos alunos, principalmente quanto a comparação da sua realidade local. Um elemento muito benéfico foi que muitos alunos expressaram o desejo de algum dia conhecer pessoalmente estes lugares trabalhados, presenciando de perto esses fenômenos geográficos. O professor pode adicionar a proposta de produção de texto se o aluno teria interesse em viajar para algum dos países estudados.

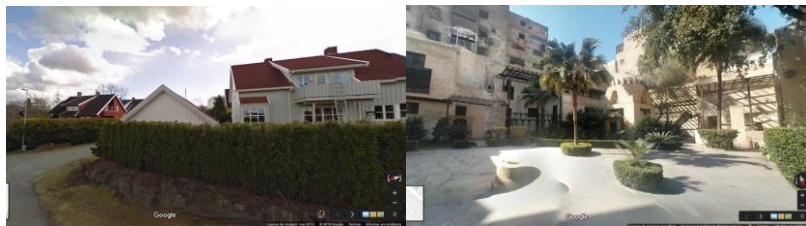


Imagem 1: Exemplo de duas paisagens urbanas distintas, à esquerda Oslo, Noruega, á direita Cairo, Egito.
Fonte: Google Street View.



Imagem 2: Imagem de satélite de uma área urbanizada com diferentes estruturas urbanas, em La Paz, Bolívia. Fonte: Google Earth, 31/07/2016.



Imagem 3: Representação de computação gráfica da cidade do Cairo. Fonte: filme “A Múmia” (1999).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para o objetivo desta pesquisa, que foi apresentar e problematizar o conceito de paisagem no âmbito de ensino da geografia, a partir de uma proposta metodológica de ensino da paisagem urbana utilizando a temática da urbanização, este recorte temático mostrou-se muito positivo para o ensino da geografia urbana nas escolas, pois possibilitou aos alunos uma nova forma de compreensão do espaço, a fim de criar um olhar autônomo e crítico da paisagem urbana, sua dinâmica e conexões. Procurou-se trabalhar criativamente com diferentes ferramentas de ensino, símbolos, significados, imagens e representações, tendo como maior aspecto positivo a possibilidade dos alunos utilizarem seus próprios conhecimentos prévios sobre a paisagem urbana como conteúdo, adquiridos através das suas experiências de vida, formas de comunicação e produção social, criando uma percepção crítica e comparativa, tanto do espaço em que vivem, quanto de espaços de outras regiões, incentivando assim uma análise do espaço global e uma reflexão humana do outro. Outra possibilidade visionada é a abertura para novas práticas relacionadas a espacialização da percepção afim de se obter diferentes produtos metodológicos de ensino-aprendizagem como mapas mentais, croquis, jogos, fluxogramas, desenhos, filmagens, músicas dentre tantos outros.

Contudo, reconhece-se que há muitas limitações e críticas a serem analisadas ao presente trabalho, entre elas esta a disponibilidade do tempo para a preparação das aulas e levantamentos dos conteúdos, o grande comprometimento do professor e alternativas para a pesada utilização de recursos tecnológicos, dos quais na realidade brasileira, não estão presente nas infraestruturas de muitas escolas do país. Entende-se

que a muitos conhecimentos que não são levados em conta na cartilha escolar, portanto, é justa a colocação de que mais debates devem ser defendidos quanto o maior emprego do cotidiano e das experiências dos alunos dentro da escola e principalmente dos conteúdos que são abordados. Nesse sentido, a análise e a percepção da paisagem são de suma importância para que o professor desperte a consciência do mundo, e faça de seu processo educativo uma ferramenta para que seus alunos se tornem cidadãos mais conscientes, participativos, questionadores e protagonistas na construção da paisagem, empreendendo esforços na direção da pluralidade do conhecimento.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: geografia**/ Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CALLAI, H. C. **Estudar o lugar para compreender o mundo**. In: CASTROGIOVANNI, A. C.; CALLAI, H. C.; KAERCHER, N. A. (orgs.). Ensino de geografia: práticas e textualizações no cotidiano. Porto Alegre: Mediação, 2000.

CASTRO, I. (1997): **Imaginário político e território: natureza, regionalismo e representação**. In: CASTRO, GOMES e CORR A. **Explorações Geográficas: percursos no fim do século**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, pp. 155 - 196.

CARLOS, A. F. A. **A cidade**. São Paulo: Contexto, 1992.

CORRÊA, R. L. (orgs.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EduERJ, Série Geografia Cultural Brasil, 1998.

DEL RIO, Vicente Del e OLIVEIRA, Livia de. (org.) **Percepção Ambiental: a experiência brasileira**. São Paulo: Studio Nobel; Universidade Federal de São Carlos, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

LENCIONI, Sandra. **Região e Geografia**. São Paulo: Edusp, 2003

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. Tradução de Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: MartinsFontes, 1999. Coleção a.

OLIVEIRA, Livia. **A percepção da paisagem como metodologia de investigação geográfica.** Impactos geográficos, 4. ENCUENTRO DE GEÓGRAFOS DE AMERICA LATINA, 2., 1989, Montevideo, Uruguai, 1989, p. 313-323

PENTEADO, H.D. (Org.) **Pedagogia da comunicação: teorias e práticas.** São Paulo: Cortez, 1998. p. 13-22.

PONTUSCHKA, N.N.; PAGANELLI, T.I.; CACETE, N.H. **Para ensinar e aprender Geografia.** São Paulo: Cortez, 2007.

SANTOS, Milton. **Técnica, Espaço, Tempo: Globalização e Meio Técnico-científico informacional.** 5ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013.